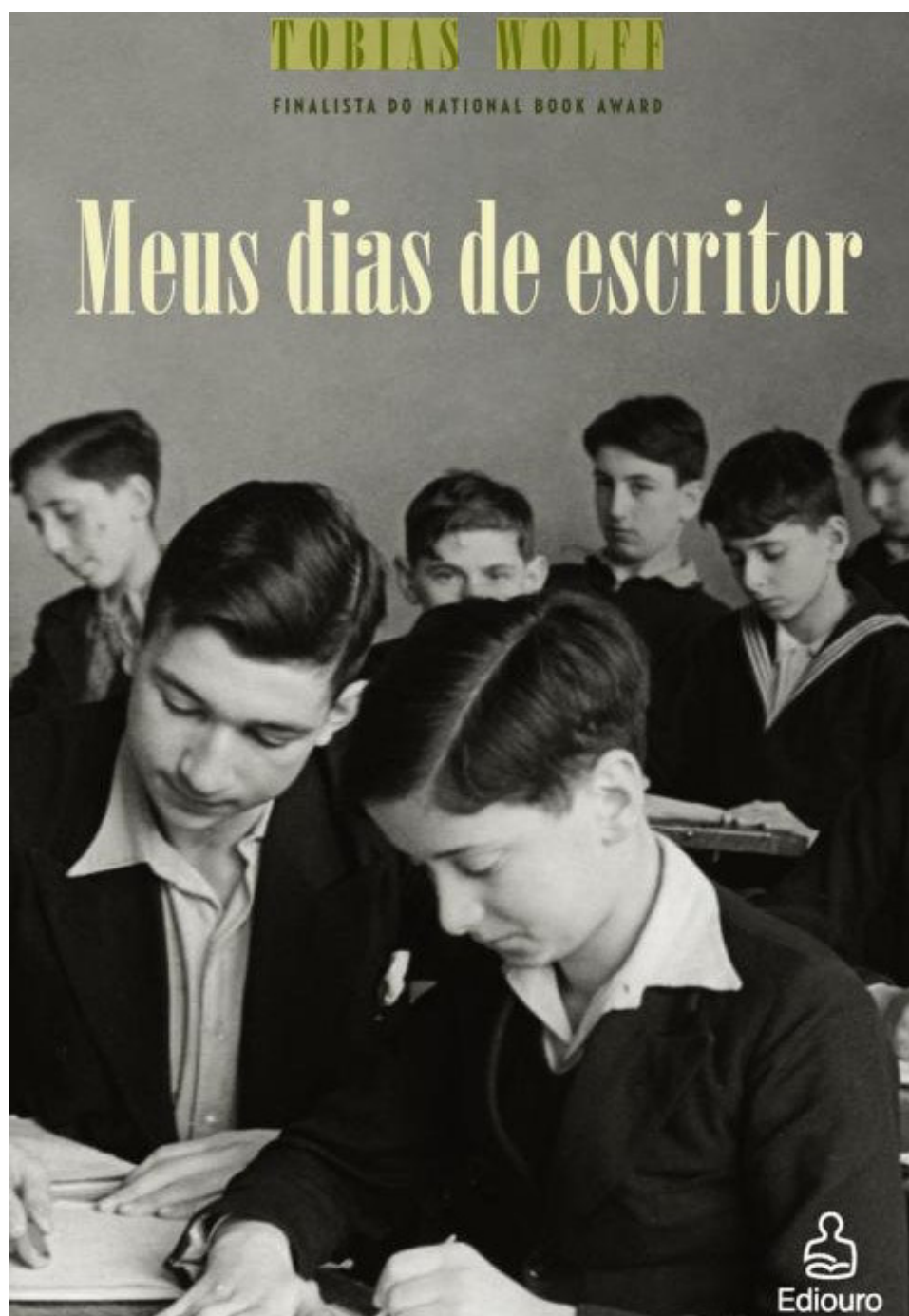




Festa Literária Internacional de Parati

RECORTES 2009



CAPÍTULO II

Em chamas

Na véspera do dia em que nossos poemas para Frost deveriam ser entregues, tivemos um incêndio na escola. O fogo era o grande pesadelo. No início do século, um dos dormitórios, com 13 meninos dentro, havia sido completamente destruído por um incêndio, e o choque dessas mortes ainda podia ser sentido na minha época. Eles eram conhecidos como os Meninos Blaine, em memória da casa em que moravam. Sua foto em grupo, tirada para o anuário que nunca viram, estava pendurada no Salão Memorial Blaine, onde nós, da sexta série, nos reuníamos para conversar e cantar depois do jantar. Aquela fotografia me atraía. Estudei seus rostos sérios (nenhuma palhaçada para a câmera naquele tempo), o modo como se escarrapachavam uns contra os outros, apoiando-se costas com costas, um menino repousando a cabeça no ombro de outro. O sentimento de perda não era apenas por suas vidas: como pareciam ingenuamente ternos, como estavam à vontade juntos.

O professor encarregado do dormitório estava bebendo no povoado quando aconteceu. No ano seguinte ele se transferiu para outra escola de meninos, e depois, pelo que contavam, passou para outra, e outra, sem nunca encontrar descanso.

Diziam que o incêndio havia sido provocado por um cigarro. Como era possível saber isso, não perguntávamos. Era verdade revelada. E conduzia a um mandamento: Não fumarás. Se alguém fosse

pego fumando, era expulso; não havia conversa, não havia exceção. Mesmo os professores mais flexíveis eram implacáveis nesse ponto. Cada ano, dois ou três fumantes eram descobertos; só lhes davam o tempo necessário para fazer as malas e telefonar para os pais. Um menino voltava da aula de natação e descobria que seu colega de quarto havia ido embora, via cabides retinindo num armário vazio, o colchão do outro despido e dobrado em dois. Não se fazia nenhum anúncio e não se pregava nenhum sermão. A rápida e silenciosa eliminação dos fumantes da escola servia como um aviso soturno para o resto de nós. Era o mesmo destino reservado aos que roubavam e violavam o Código de Honra, e o fumo devia ser visto sob essa luz, como uma traição a todos nós.

Estávamos, portanto, mais do que avisados — apesar disso, um grupelho de refratários, em que eu me incluía, continuava fumando. Eu filava um ou outro cigarro desde o oitavo ano elementar, mas na escola isso virou uma obsessão. Por mais maluco que eu fosse por cigarros, meu verdadeiro vício era a luta desesperada, tudo-ou-nada, para manter um hábito diante da vigilância oficial incessante. Sempre à espreita de novos locais, eu fumava dentro de freezers, armários de vestiário e respiradouros. Entrei no Clube de Música Clássica para poder fumar nos banheiros das salas de concerto que visitávamos e participava de *cross-country* para poder fumar enquanto corria pela mata. Mantinha um estoque de *Life Savers* de hortelã para disfarçar o hálito e usava uma piteira para não ficar com os dedos manchados. Era maçante, trabalhoso, mas, quando eu dava aquela primeira tragada, ficava tonto de prazer, em boa parte o prazer de ter escapado mais uma vez.

Um dia quase fui pego. Tinha estado fumando no porão da capela com um menino que foi descoberto pelo capelão só alguns minutos depois que saí. Eu estava pondo partituras nas estantes do coro — minha tarefa da semana e minha desculpa para estar ali — quando os dois subiram e saíram pela nave lateral, o capelão triste, mas decidido, segurando o menino pelo cotovelo, e o menino... só consegui olhá-lo de relance, depois desviei os olhos, mas vi o suficiente. Durante o resto da tarde senti um aperto no estômago cada vez que um professor se aproximava de mim. Tinha medo de que o outro menino tivesse me denunciado, não para se salvar — isso era impossível —, mas num assomo de confissão exata, ou de ressentimento por eu ter escapado. Mas ele não me denunciou. Transpôs os portões sozinho.

Eu vira o seu rosto. Sabia o que se passava com ele. Estava em queda livre e ainda tentando acreditar que apenas sonhava que caía. Ele morava em Nova York. Tinha uma longa viagem noturna pela frente, no trem, sozinho. Eu podia me ver facilmente naquele trem. Mas a minha viagem não terminaria em Nova York. Eu teria de pegar o valente Century para Chicago, depois baldear para a Great Northern — dia após dia, deixando para trás fábricas, campos, desertos e montanhas, mas sem ver nada, contemplando meu próprio reflexo atordoado no vidro enquanto cada estalido das rodas me levava para mais longe da escola. Naquela noite, deitado insone na cama, vi minha escola como se de uma distância impossível, enquanto eu avançava através das planícies num vagão de trem escuro, de volta para a melancolia e a confusão da vida com meu pai. Vi o refeitório forrado de lambris escuros, ouvi a algazarra. Os vitrais vermelhos da capela chamejando nas tardes de inverno. O som amigo do ensaio do coral, o arranhar dos patins no rинque ao ar livre, certa poltrona na

biblioteca, a paz profunda da biblioteca, os rostos dos meus amigos. Vi a escola como se a tivesse deixado para sempre, e a idéia me partiu o coração. Levantei-me, recolhi meu *kit* suicida de cigarros, isqueiro e piteira em seus esconderijos, fui até o banheiro no fim do corredor, joguei aquilo tudo na lixeira e nunca mais fumei na escola de novo.

Mas a tentação era persistente, e às vezes eu podia quase ouvir a velha gangue soltando baforadas nos porões e sótãos. Assim, meu primeiro pensamento quando o gemido das sirenes entrou pela escola naquela tarde de domingo foi que um daqueles pobres-diabos tinha provocado um incêndio em algum lugar e pagaria o preço naquele instante mesmo. Quem teria sido?

Eu estava saindo da biblioteca. Do alto da escada, pude ver uma grossa trança de fumaça torcendo-se sobre o vestiário velho. Meninos transtornados de emoção brotavam dos dormitórios e salões, com alguns professores tentando em vão agrupá-los, ou pelo menos desacelerá-los. Segui em frente, meu caderno debaixo do braço.

Eu passara quase todo o fim de semana isolado, tentando terminar meu poema para o concurso. Andara trabalhando na meditação elegíaca de um caçador sobre o corpo de um alce que ele matara após segui-lo durante dias pelas montanhas. Era diferente de meus poemas típicos, que tendiam a ser abstratos e sem narrativa. Recaía no padrão de um grupo de meus contos, em que um rapaz chamado Sam evadía às exigências da mãe *socialite* e do pai, grande negociante de madeira, fugindo para as florestas do noroeste dos Estados Unidos, onde, além de caçar e pescar muito, tinha lacônicos casos de amor com mulheres liberadas que encontrava pelo caminho. Eu tinha começado essa série de maneira bastante inocente, num tributo deliberado aos contos de Nick Adams, mas com o tempo ela se transformara em algo menos

honesto. Eu queria ser tomado por Sam pelos meus colegas, que nada sabiam sobre minha vida em Seattle.

Mas esse poema estava me dando dor de cabeça. Para começar, como o caçador, tendo mergulhado tanto na floresta no encalço do alce, iria tirá-lo de lá? Afinal, de que tamanho é um alce? Realmente grande, eu imaginava — assim, depois de dar graças ao espírito do alce por lhe dar toda aquela carne, o caçador pareceria ridículo indo embora com um lombo nojento sobre o ombro. Talvez eu devesse trocá-lo por um veado comum. Mas *veado* não tem a majestade de *alce*.

O dia esfriara. Uma tempestade derrubara as últimas folhas algumas noites antes, e as árvores negras, nuas, davam a impressão de que estava ainda mais frio. Vi-me junto de um menino mais novo, da quarta série, cuja recente contribuição para o *Troubadour* ainda não tínhamos rejeitado, embora provavelmente fôssemos fazê-lo. Fiquei esperando que ele perguntasse sobre isso, mas quando nos aproximamos do incêndio ele ficou alvoroçado e saiu correndo, sem uma palavra sobre o assunto.

O bando havia se reunido em torno do vestiário velho, na extremidade mais próxima do campo de futebol. Os bombeiros ficavam junto de seu caminhão, tomando café e revezando-se com a mangueira. Não se via nenhuma chama, embora eu pudesse ouvir a água fervilhar ao bater no telhado. As telhas de madeira haviam se queimado aqui e ali, expondo uma lâmina de forro carbonizado que sibilava, soltando uma fumaça gordurosa quando os bombeiros esguichavam água nele.

Perguntei ao menino ao meu lado como o incêndio começara e ele, sem despregar o olho do vestiário, murmurou alguma coisa sobre Jeff Purcell.

Purcell. A informação me desconcertou porque ele era meu amigo, e porque tinha me convidado a passar as férias do Dia de Ação de Graças com sua família em Boston; agora eu não podia esperar por nada melhor que mais uma temporada com meu enfadonho avô e sua enfadonha mulher num conjunto residencial perto de Baltimore.

Alarme falso! Não fora o meu Purcell, Little Jeff, que provocara o incêndio, fora o seu primo. Big Jeff era vegetariano, o único na nossa classe, cujo amor aos animais se estendia a um feio rato preto que, seja lá como for, ele criava em seu quarto e carregava de lá para cá à noite num bolso do roupão. Zombaríamos muito de Big Jeff, não fosse sua enorme bondade e confiança na boa vontade de todo mundo. Quando um menino zombava dele, não entendia, simplesmente o olhava como um filhote de cachorro que se perguntasse por que cargas d'água haviam-lhe amarrado uma lata no rabo. Big Jeff era devotado a Purcell. Fazia ponto no quarto dele e tolerava pacientemente suas grosserias para ficar sentado num canto, vendo-o se barbear, fazer abdominais ou se vestir para o jantar, e ouvindo-o pronunciar suas opiniões e anátemas. Ele não era burro, o Big Jeff. Saía-se bem nas aulas de ciências, e tinha conhecimento das coisas que achava importantes. Tornara-se uma autoridade sobre as maneiras como os animais eram criados e abatidos e, enquanto comíamos nosso rosbife, não nos poupava de nenhum detalhe sobre o caminho que a carne percorrera do pasto ao prato.

Big Jeff tinha uma outra paixão, e foi ao se dedicar a ela que quase queimou o vestiário velho. Acreditava que nosso destino era deixar a Terra e colonizar outros planetas. Na nossa quinta série, fundara o Clube do Foguete, e, embora não tivesse conseguido recrutar nenhum membro em nossa classe — estávamos ocupados demais

lambendo os beijos para dar uma grande mordida *neste* planeta —, conseguiu atrair alguns meninos mais novos do Clube da Ficção Científica. Nas tardes de domingo, o Clube do Foguete se reunia no campo de futebol, sob os olhos do professor de química, e lançava pelos ares tudo que tinham conseguido atamancar no laboratório naquela semana. Big Jeff andara fazendo experiências com um foguete de dois estágios, mas, em vez de subir reto, seu míssil dera algumas voltas e batera no telhado do vestiário, onde o propulsor explosivo detonou num monte de galhos velhos e folhas de pinheiro. *Uuuch!*

— Queria que o tivessem despachado — Purcell me disse aquela noite.

Eu ri. Pensei que estava brincando.

Caminhávamos de volta para nosso dormitório depois de uma reunião editorial. Deixamos a passagem de tijolos e cortamos caminho pela grama, que, endurecida pela geada, chiava sob nossos pés.

— Sei que isso soa horrível — disse Purcell —, mas é verdade. Queria que o tivessem expulsado.

— Por que faziam isso? Ele não violou nenhuma regra.

— Você o viu esta noite no jantar? Não fazia outra coisa senão receber cumprimentos, como uma espécie de celebridade.

— Mas ele *é* mesmo uma espécie de celebridade.

— Big Jeff. Big Jeff. Quando eu era bebê eles o enfiaram no mesmo berço comigo, verdade. Dizem que a gente não tem memória de coisas tão antigas, mas *eu* tenho. Aquela cara de cão de caça olhando para mim, pensa que eu me esqueceria? Jardim da infância — na carteira em frente à minha. Sempre irrequieto, sempre procurando alguma coisa, sempre levantando a mão. Ainda posso ver a luz brilhando

através das orelhas dele. Escola primária, acampamento, férias — cara, você não sabe o que é isso. Big Jeff e Little Jeff. Para qualquer colégio que eu fosse, lá estava ele, esperando no meu quarto. Provavelmente vão nos enterrar no mesmo caixão. Eu e o Big Jeff. Big Jeff e Little Jeff, vai ser essa porra *ad aeternum*.

Comecei meu novo poema aquela noite. Foi o incêndio que me inspirou, o fogo e os bombeiros, com seus casacos de borracha abertos e botas de cano alto e largo, e as olhadelas dissimuladas que lançavam para nós, para os professores e para a própria escola, fingindo que estavam simplesmente passeando os olhos por nós, mas reparando em tudo. A curiosidade deles havia me levado a olhar em volta também. Por um momento vi aquele lugar como o vira pela primeira vez: como era bonito, e como era estranho. Senti seu isolamento, e como nos tornávamos parecidos uns com os outros naquele isolamento. Vestíamos-nos de maneira tão parecida que as inflexões que nos permitíamos — mocassins de borlas para o *playboy*, uma gola rulê preta para o rebelde — eram provavelmente invisíveis para alguém de fora. Nossas roupas, o modo como usávamos o cabelo, a própria expressão de nossas bocas, tudo isso nos marcava como tatuagens tribais.

Os bombeiros nos examinavam, nós os examinávamos. Visitantes nos tornavam atentos de repente. Vi-me observando um bombeiro em particular. Ele tinha olhos cansados e mantinha-se um pouco afastado. Disfarçava menos que os outros que estava nos avaliando. Pensei nesse homem depois que eles terminaram e foram embora.

Foi assim que me pus a escrever meu novo poema, uma narrativa em que descrevia um bombeiro na manhã após um grande incêndio.

Ele fora o herói daquela noite, enfrentando muros de chamas para salvar uma menininha. Agora tudo terminara. Ele vai para casa, é sábado de manhã e seu filho está vendo televisão. Frita uns ovos para si, mas não os come. Sente-se oprimido pelos farelos na mesa da cozinha, as tigelas de cereais sujas, o cheiro de torrada queimada e do peixe de ontem à noite. A televisão está alta demais. Depois ele está de pé, na sala; acabou de gritar alguma coisa, não sabe o quê, e seu filho o fita com frieza e desdém.

Pensei que escrever me daria prazer, e geralmente dava. Mas não gostei de escrever esse poema. Eu o escrevi quase a contragosto, no entanto, com certa paixão também. Talvez fosse bom, talvez não. Talvez nem fosse um poema, só o fragmento de uma história em linhas quebradas. Eu não sabia. Era muito próximo da minha casa. *Era* a minha casa: minha mãe morta; meu pai, embora nenhum bombeiro, ferido pelo meu menosprezo enquanto eu me consternava com a carência dele; a bagunça, o barulho, os cheiros, tudo isso era exatamente igual à nossa casa num sábado de manhã; o sentido do tempo se esvaindo gota a gota, de decisão protelada e a atmosfera fechada, de aquário, de confinamento e repetição. Eu podia ouvir e ver tudo naquele apartamento, até o padrão do tampo de fórmica da mesa. Eu podia ver a mim mesmo ali, e não queria. Sobretudo, não queria que alguma outra pessoa visse.

Inscrevi o poema do caçador do alce. Intitulei-o "Neve vermelha".